

Amiga viaja

Quarta-feira, 17 de Abril de 1957

RUBEM BRAGA

## DESPEDIDA

UMA querida amiga vai pela primeira vez a Paris e pergunta se quero alguma coisa de lá. Mando abraços para alguns amigos, e chega. Não quero nada. Gostaria de estar lá, e poder levá-la a conhecer um canto ou outro da cidade, um bistrô, uma pequena livraria, um bar.

Seria um mau guia: sou desatento, esqueço o nome dos lugares e jamais visitei o túmulo de Napoleão, não consegui gostar realmente de Montmartre, sinto uma leve angústia, entretanto, acompanhada de lembranças boas quando penso em Montparnasse; tenho uma planta de Paris muito confusa dentro da alma — pequenas ruas onde fui intensamente feliz, um «boulevard» em que senti vontade de morrer de pura tristeza — ah, meu Paris é em parte o Paris de todo mundo, mas na pior e na melhor parte é um Paris meu, intransferível.

Vivo demais em função de pessoas, e as pessoas morrem, mudam, somem, ficam longe e sem face. O Paris de minha amiga será outro, apenas se cruzará com o meu em alguma esquina. Sim, é de pessoas que vivo. Mas precisamente o que Paris tem de grande é ajudar as pessoas a viver com uma certa alegria e uma certa modéstia. Ali já se viveu muito, e sentimos isso: a cidade é patinada de humanidade; muitos ali já lutaram, já se amaram, já pecaram e foram perdoados, e isso nos faz mais humildes e mais livres, e nos inspira uma secreta boa vontade com o género humano. François Villon terá sido mesmo um «mauvais garçon», Verlaine se desregrava muito? Dêles apenas ficou poesia, e essa poesia a sentimos em velhos muros e em velhas árvores, e ela nos faz bem.

Minha querida amiga, você vai viver em uma cidade de pessoas. Não precisa prestar muita atenção a nada. Deixe-se viver, tome seu vinho, descubra suas pequenas ruas, faça a sua pequena rede humana de afetos, e seja distraída e seja feliz — e me mande um cartão qualquer de beira do Sena e saiba que aqui eu muitas vezes pensarei em você, e a favor de você. Boa viagem!